

Festa das Neves: Entre luzes e sombras¹

Marcelo Rodrigo da Silva²

Laura Beatriz Valério de Moura³

Universidade Federal da Paraíba - UFPB

RESUMO

Este texto relata a experiência de produção do ensaio fotográfico intitulado “Festa das Neves: entre luzes e sombras”. O trabalho surgiu de um olhar sensível sobre a Festa das Neves, uma das mais antigas celebrações religiosas e culturais da cidade de João Pessoa, capital paraibana, com o anseio de explorar a linguagem da fotografia para captar sua essência intangível e emblemática dessa manifestação cultural. Realizada há 439 anos, a luxúria e decadência se cruzam resultando no esquecimento da festividade. Através da observação participante e saídas fotográficas, o ensaio artístico almeja retratar não só a vivacidade, mas também a intersecção do sagrado e profano que passeia na Festa das Neves.

PALAVRAS-CHAVE: Festa das Neves; ensaio fotográfico; esquecimento; vivacidade; manifestação cultural.

INTRODUÇÃO

A Festa das Neves é uma celebração religiosa e cultural que acontece todos os anos no início de agosto, no Centro Histórico de João Pessoa, em homenagem à padroeira da cidade, Nossa Senhora das Neves. Além das missas e procissões, a festa é palco para a cultura popular paraibana com atrações artísticas, shows musicais, barracas de comidas típicas e um parque de diversões, que não só movimentam a economia local, mas também une o sagrado e o profano em um só lugar. A festividade é um dos eventos mais antigos da capital paraibana e marca o aniversário de fundação da cidade, celebrando sua história, fé e identidade cultural.

Nos tempos em que a Avenida General Osório ainda era chamada Rua Nova, a Festa das Neves era um espaço aberto para todas as pessoas, ricas ou pobres, militares ou civis, religiosos ou ateus, políticos ou eleitores. Todos se encontravam ali. Nas noites em que tudo era possível, o festejo se materializava em uma oportunidade de se metamorfosear. O palco era uma grande vitrine de moda, permitindo que os presentes

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho (GTNE09 - Comunicação, Tecnologia e Sociedade), evento integrante da programação do 25º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 26 a 28 de junho de 2025.

² Doutor em Estudos da Mídia. Professor do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (PPJ) e do Curso de Graduação em Jornalismo da UFPB, email: prof.marcelorodrigo@gmail.com.

³ Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Jornalismo da UFPB, email: laura.moura@academico.ufpb.br

pudessem expressar sua identidade, seus desejos e quem sabe, sonhar em encontrar seu grande amor.

Este texto relata a experiência de produção do ensaio fotográfico intitulado “Festa das Neves: entre luzes e sombras”, composto por 5 (cinco) fotografias (https://drive.google.com/drive/folders/1erF_fTeNQv4OME04eNX4UsdCz1mDmK48). O trabalho foi produzido como resultado da disciplina de Jornalismo Impresso, cursada durante o período letivo 2024.1 na Universidade Federal da Paraíba (UFPB). A Festa das Neves sempre foi uma manifestação cultural relevante para o cenário cultural local. É um cenário de conexão entre o passado e o futuro, um instante no tempo em que é possível capturar a essência das coisas invisíveis aos olhos.

Mesmo após 439 anos de história, a festividade permanece com a cor da esperança. As fotografias tiradas são o resultado tanto de uma observação quanto de uma vivência pessoal do festejo. O ensaio busca contradizer uma pretensa “decadência” e “esquecimento” em torno da festa, através do vislumbre daquilo que não pode ser palpável, o âmago da Festa das Neves, sua força cultural. A inocência de ir pela primeira vez em um parquinho de diversões, dançar à luz do luar com o amor da sua vida ou cantar coco de roda a noite inteira são elementos que descrevem a alma do festejo. A Festa das Neves vive, seu sangue pulsa nas artérias e vias locais de João Pessoa.

A narrativa fotográfica está intimamente ligada com a percepção do fotógrafo. Da mesma forma a sua linguagem. Portanto, uma narrativa visual sobre a Festa das Neves depende diretamente do olhar sensibilizado por suas luzes e sombras. A linguagem fotográfica corresponde a uma série de escolhas e manipulações que se estendem para além da captura da imagem: a escolha do tema, do filme, do foco, do tempo de exposição, da abertura do diafragma etc. Como bem enfatiza Martine Joly (1996), a essa sequência de escolhas, ainda é preciso acrescentar as escolhas feitas no momento da captura - enquadramento, iluminação, pose do modelo, ângulo da tomada etc.

Seguindo esse raciocínio, Jorge Pedro Sousa (1998) enfatiza a existência de diferentes linguagens fotográficas e não de uma única, tendo em vista que cada imagem depende do seu fotógrafo, de como será conotada em função da pessoa, do meio social em que ela se insere e da sua cultura.

Paulo César Boni (2000) ainda acrescenta à linguagem a metodologia da intencionalidade de comunicação, que, segundo ele, se foca na tradução dos significados construídos pelo emissor – o fotógrafo – por meio da desconstrução dos elementos fotográficos e dos recursos técnicos por ele utilizados ao conceber sua fotografia.

Apesar das dificuldades e prenúncios de declínio da festividade, mais do que novos ritmos, a celebração ressurgue com olhares inovadores para a cultura, que se adaptam às gerações e tradições antes desconhecidas pelo público. Trata-se de uma revolução e reinvenção da Festa. Para alguns, congelados no tempo, a festa perdeu sua pomposidade. Para outros, é chance de renascer. Se a festa é pequena ou, se por acaso, tentam fechar a porta da arte, nasce a necessidade de atravessar as adversidades, criando uma janela ou, quem sabe, uma fotografia.

Essa é a nova Festa das Neves: uma janela cultural. Um espaço vanguardista que protege seu legado através da sua adaptação a outros tempos. A anunciação de uma nova era, narrada por inclusão, diversidade e força. Agora ela aventura-se por outros ritos sagrados, cânticos e bagaceiras. Sua permanência e tradições firmam-se em suas mudanças porque são novos tempos, diferentes artistas e costumes, mas é a mesma festa, cuja memória se reescreve na areia dos corações paraibanos e, cuja lente da câmera fotográfica insiste em gravar na alma pessoense.

METODOLOGIA

A produção fotográfica foi elaborada por meio de um olhar empático e não convencional da Festa das Neves. A intenção foi fugir dos grandes palcos e eventos, capturando a complexidade que o cotidiano carrega, traduzindo sentimentos que não podem ser ditos em alto falantes. O ensaio teve início com a percepção das pessoas e sensações na festividade: O que faziam? Como se vestiam? Com quem estavam? O que sentiam naquele momento? Todas essas questões foram norteadoras para despertar a necessidade irracional, porém poética, de representar visualmente esses breves instantes.

Com o intuito de contestar o apagamento com a vivacidade da Festa das Neves, foi preocupação do ensaio aqui relatado buscar transmitir a atmosfera escura da noite festiva em contraste com as poucas luzes saturadas, o movimento turvo dos brinquedos, do povo no forró, dos artistas em suas performances. O frisson das pessoas em suas interações à meia-luz onde tudo acontece: a oração, o gracejo, a diversão e a boemia.

Em outras palavras, a intersecção do sagrado com o profano, o amor em meio à bagaceira.

Foi observado cada passo do público, além dos sorrisos frouxos e silêncios compartilhados. Foram testados diversos ângulos, enquadramentos e perspectivas que me ajudaram na produção de mais de 70 imagens, as quais revelaram o verdadeiro valor da espontaneidade na seleção das 5 (cinco) fotografias finais. As imagens foram capturadas com uso de uma câmera fotográfica modelo Canon EOS Rebel T5i e uma lente objetiva modelo Sigma 18-55mm. O equipamento advém de um empréstimo realizado no projeto de extensão da UFPB, o Paraíba Criativa, do qual a autora deste texto fazia parte na época. As imagens que compõem o ensaio foram retiradas ao longo de três saídas fotográficas, todas no percurso do Parque Solón de Lucena (Lagoa), praça localizada no centro de João Pessoa, onde acontece a Festa das Neves. Após as capturas, as fotografias passaram por um breve tratamento no software Adobe Lightroom para pequenos ajustes de cor e luz.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O ensaio fotográfico artístico de que trata este texto nasceu do desejo de capturar aquilo que a escritora literária, Clarice Lispector (1973, p.18), denominou em seu livro “Água Fria” como “é”: a essência mais pura do ser, seu âmago. Através de um olhar sensível, é possível perceber as histórias que o tempo não é capaz de apagar. A festividade deixa de ser algo passageiro, um momento pontual do mês de agosto e um instante se torna uma eternidade para as memórias que reverberam na mente dos pessoenses. O “é” da Festa das Neves consiste nas mãos calejadas de Vó Mera (foto 5), marcadas pelos longos anos de trabalho árduo; pelo sorriso, meio embriagado, meio bobo, de se estar com quem se ama (foto 1); pelo frio na barriga de contemplar a transformação de uma bela moça na tenebrosa monga (foto 2).

Para Smith (2018, p. 6), “a fotografia pode ser um espelho do mundo ou se aprofundar, explorando a complexidade da psicologia e das emoções humanas. Pode capturar um momento fugaz ou marcar a passagem lenta do tempo”. Em concordância com seu pensamento, este ensaio não busca apenas refletir ou catalogar o festejo, mas sim devorar seu íntimo cru por meio da apreensão da vivacidade e simplicidade “invisível” na rotina da festa. Tal como propõe Cartier-Bresson (2014, p. 20) ao afirmar

que “em fotografia, a menor das coisas pode ser um grande tema, o pequeno detalhe humano tornar-se um *leitmotiv*. Nós vemos e fazemos ver, numa espécie de testemunho, o mundo que nos circunda, e é o acontecimento por sua própria função que provoca o ritmo orgânico das formas”.

O ensaio destaca a criação fotográfica à medida que reflete sobre a significância e misticidade da imagem, agora não mais como representação, mas como o fato em si. Pensamento que Julio Plaza e Monica Tavares (1998, p. 199) defendem ao refletirem que “a imagem, e sem dúvida a arte toda, não é mais o lugar da metáfora, mas da metamorfose, que leva a um comportamento ativo e interrogativo, móvel e moldável, interativo, de natureza que convida ao jogo, à manipulação, à transformação, ao ensaio e à mudança, à experimentação e à invenção de outras regras estéticas”.

Os registros fotográficos revelaram a significância e imortalidade do festejo. Apesar dos boatos da decadência da Festa das Neves, foi possível captar sua magnitude intrínseca na simplicidade e costumes do público. Após a observação participante juntamente com o ensaio artístico, depreendeu-se que um dos bens mais preciosos da festividade consiste na nostalgia, a lembrança de tempos antigos, da mesma forma que a adaptação a novas gerações.

Sua insistência em sobreviver à modernidade é baseada na sua estruturação afetiva e maleável. A festa é para todos, desde crianças até a terceira idade. Em meio às maçãs do amor e apresentações culturais, ela oferece um espaço acolhedor em que o imaginário paraibano pode florescer e o dia pode durar um pouco mais no parque de diversões. Dessa forma, a fotografia resultou em uma ferramenta de registros sentimentais e expressivos, marcados pelas cores e movimentos visuais de quem, de fato, vive a Festa das Neves.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A fotografia é uma forma de registrar a essência daquilo que não podemos descrever com palavras. Apesar de um pretenso esquecimento em torno da tradicional Festa das Neves de João Pessoa, o movimento cultural permanece forte como fantasmas passados que sobrevivem e se misturam aos tempos atuais. “Festa das Neves: Entre Luzes e Sombras” é um ensaio artístico que reflete sobre as coisas que ficam no oculto, aquilo que por tanto tempo ficou na escuridão que ninguém imaginava que ainda

poderia existir. Contudo, mais do que isso, é o instante de último fôlego de vida que insiste em bombear sangue para os corações paraibanos.

Nas escuras ruas pessoenses ainda existe um lugar iluminado que contrasta com as sombras da escuridão. Estas representam o passado, o esquecimento, a solidão. As luzes, por outro lado, a vida, a diversidade, a memória. E, através da fotografia, esses dois componentes básicos narram histórias que apenas aqueles que se aventuram pela festividade podem ver: a Festa das Neves vive. Esta festa fantasma ainda “assombra” e, principalmente, apaixona a memória de quem tem a sorte de vivenciá-la.

REFERÊNCIAS

BONI, Paulo César. **O discurso fotográfico**: a intencionalidade de comunicação no fotojornalismo. 2000. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) - Universidade de São Paulo, São Paulo.

CARTIER-BRESSON, Henri. **O imaginário segundo a natureza**. São Paulo: GG Brasil, 2004.

JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. Campinas: Papirus, 1996.

LISPECTOR, Clarice. **Água Viva**. São Paulo: Circulo do Livro, 1973.

PLAZA, Julio; TAVARES, Monica. **Processos criativos com os meios eletrônicos**: poéticas digitais. São Paulo: Hucitec, 1998.

SMITH, Ian Haydn. **Breve história da fotografia**: um guia de bolso dos principais gêneros, obras, temas e técnicas. Tradução: Edson Furmankiewicz. São Paulo: Gustavo Gili, 2018.

SOUSA, Jorge Pedro. **Fotojornalismo performativo**: o serviço de fotonotícia da Agência Lusa de Informação. Porto: Universidade Fernando Pessoa, 1998.